Capítulo XVII — O cristianismo estabelecido

Preparar o reino do Messias e fazer nascer o Cristo em Belém: eis toda a história do mundo antigo. Estabelecer o reino do Messias e fazer nascer o Cristo por toda parte: eis toda a história do mundo moderno. A redenção do gênero humano, a reparação de todas as coisas por Jesus Cristo: eis o eixo em torno do qual giram todos os acontecimentos, grandes ou pequenos, desde o primeiro dia do mundo até o último; eis o fim último de todos os desígnios de Deus no tempo, fim imutável para o qual concorrem, muitas vezes sem o saber, muitas vezes a despeito de si mesmos, os séculos e os impérios, os reis e os povos. Assim, como há no céu um só sol em torno do qual gravitam todos os astros, assim há na terra um só reino a que se referem todos os outros reinos: é o reino imortal do Messias, a santa Igreja católica; sua história é a única história; todas as outras não são senão episódios.

Mostramos o cumprimento do plano divino durante os quarenta séculos que precederam a vinda do Libertador. Se parássemos aí, nossa tarefa não estaria cumprida; a religião não seria conhecida em seu magnífico conjunto, e nosso ensino, permanecendo incompleto, não seria como o pede o grande Mestre que nos serve de guia[1]. A exposição da religião desde Pentecostes até nossos dias é, pois, tão necessária quanto sua história anterior; é mesmo muito mais interessante, seja por ser menos conhecida, seja por tocar-nos de mais perto.

Se é admirável assistir ao nascimento e aos desenvolvimentos sucessivos dessa Árvore divina cujas raízes mergulham na profundeza dos séculos, quão mais admirável ainda é vê-la estender seus ramos protetores sobre o universo inteiro, cobrindo com sua sombra salutar e nutrindo com seus frutos vivificantes todas as gerações que marcham para a eternidade; vê-la sempre batida pelas tempestades e sempre imóvel sobre seu tronco robusto; sempre atacada pela heresia, pelo escândalo e pela impiedade, e sempre conservando seu vigor, seu verdor e sua inesgotável fecundidade! Milagre sempre subsistente, diante do qual o homem esclarecido cai de joelhos e exclama, no transporte da admiração: Obra-prima de Deus, maravilha inexplicável à razão[2]!

Tal é o quadro que temos agora a esboçar.

Antes de subir ao céu, o Verbo divino criara o corpo da Igreja, seguindo, para regenerar o homem, a mesma ordem que seguira para criá-lo. Os Apóstolos consagrados, discípulos reunidos aos Apóstolos, diversas ordens de ministros hierarquicamente estabelecidas, leis e regulamentos promulgados: eis, por assim dizer, o corpo da Igreja. Mais um pouco de tempo, e o Espírito do alto virá dar vida a esse corpo imortal. O dia para sempre memorável de Pentecostes brilha sobre o mundo: o Espírito Santo desce ao cenáculo e repousa sobre cada um dos discípulos reunidos. A alma se une ao corpo; a Igreja está animada.

Saídos do cenáculo com os Apóstolos, sigamos esses estranhos conquistadores em suas correrias evangélicas. Diante deles, em torno deles, vemos as ciladas, as perseguições e os esforços incríveis do inferno e do mundo para sufocar no berço a obra da redenção. Entretanto, o sangue dos cristãos é uma semente de mártires. Logo se levanta uma messe de heróis que, nos combates mais ilustres de que a história guardou a lembrança, triunfam morrendo e revestem o símbolo católico de vários milhões de assinaturas sangrentas.

Dos anfiteatros desçamos às catacumbas. Com o facho da ciência e da história na mão, percorremos as ruas, as praças, os oratórios dessa cidade subterrânea. Todos os monumentos que ali se encontram testemunham as virtudes angélicas, os sofrimentos, a fé viva e a resignação de nossos gloriosos antepassados. Vemo-los, nessa tenebrosa morada, elevando ao céu suas mãos inocentes; recitando, de braços estendidos, suas fervorosas preces; celebrando seus fraternos ágapes e oferecendo os santos mistérios, seja para preparar-se para o martírio, seja para obter a salvação dos perseguidores soberbos cujos carros dourados rolam com estrondo acima de suas cabeças. Esses lugares para sempre veneráveis estão cheios de tão poderosas lembranças que nunca se poderá levar ali com demasiada frequência os cristãos de nosso século, nem retê-los ali por tempo demais.

Imagem fiel do Salvador, nossos pais foram forçados a sepultar-se muitas vezes no seio da terra durante três séculos, como ele mesmo se sepultou no túmulo durante três dias: um século por um dia! É desse túmulo, onde estava cheia de vida, que a casta Esposa do Homem-Deus saiu vitoriosa para subir ao trono dos Césares, como seu divino Esposo saíra do seu, vencedor da morte e do inferno, para reinar eternamente sobre o mundo.

Assim, há dezoito séculos o mundo era pagão, hoje é cristão. Isso quer dizer que o mundo, e o mundo civilizado, mudou de deuses, de crenças, de costumes, de usos, de leis, de hábitos, de preconceitos; que queimou tudo o que adorara para adorar o que odiara e queimara: eis, sem dúvida, a mais espantosa revolução de que a história guardou a lembrança.

O que é ainda mais espantoso é a natureza dos meios empregados para operá-la. Os judeus e os gentios, testemunhas oculares do fato, atribuem-no unanimemente a doze pescadores da Galileia, sem letras e sem fortuna!

Mas o que derruba todos os cálculos é, de uma parte, a dificuldade e, de outra, o rápido êxito da empresa. Vemos, de um lado, uma religião agradável e pomposa que se julgava estabelecida pelos deuses, que se estimava tão antiga quanto o mundo, que se considerava base da prosperidade pública; do outro, uma religião severa, simples, nova, inimiga dos usos nacionais e da ordem estabelecida; de uma parte, os sábios, os homens de gênio, os magistrados, os imperadores, os exércitos, o universo inteiro; da outra, alguns homens ignorantes, sem fortuna e sem apoio; de uma parte, a autoridade, a crueldade, o furor; da outra, a fraqueza, a paciência, a morte; de uma parte, os carrascos; da outra, as vítimas[3].

Pois bem, a vitória ficou com os doze pescadores.

Enquanto Roma, sempre em armas, precisa de setecentos anos de vitórias para formar seu império, o cristianismo desarmado se estende com rapidez do Oriente ao Ocidente e, em menos de

dois séculos, a cruz de Jesus Cristo está plantada em praias onde jamais apareceram as águias dos Césares. Tais são os fatos de que somos ainda a prova viva e que nos são atestados por aqueles que tinham o maior interesse em contestá-los, queremos dizer, os judeus e os pagãos[4]. Chegou o momento de fazê-los servir à demonstração da verdade.

No começo desta obra anunciamos que as dúvidas, as ignorâncias, as dificuldades do leitor de boa-fé se desvaneceriam por si mesmas ou, se restassem algumas objeções, que assumíamos o compromisso de respondê-las. Até aqui, o cuidado de expor o cristianismo em seu magnífico encadeamento ocupou-nos inteiramente. Todas as objeções feitas ou por fazer contra sua história, seus dogmas, sua moral, seu culto, seus milagres foram deixadas de lado. É uma conta a acertar, e chegou o momento de cumprir a palavra: a tarefa não será nem longa nem difícil. Tomando pela mão o cristão e o incrédulo, colocamo-los diante deste simples fato: DESDE HÁ DEZOITO SÉCULOS O MUNDO ADORA UM JUDEU CRUCIFICADO.

Quem diz Judeu, e Judeu crucificado, diz tudo o que há de mais desprezível e de mais vil. Assim, há dezoito séculos o mundo, e notai bem, o mundo civilizado, é testemunha de um fato que atinge os últimos limites do absurdo. Esse fato, o mundo o realizou livremente à voz de doze pescadores, grosseiros e mal-afamados.

Pela honra de adorar esse Judeu crucificado, milhões de homens de toda idade, de toda condição e de todo país aceitaram alegremente a morte em meio a torturas: ainda hoje, no Oriente como no Ocidente, seu exemplo encontra imitadores quando se apresenta a ocasião.

Adorando um Judeu crucificado, o mundo se elevou em luzes, em virtudes, em liberdades em proporções espantosas. Testemunha são todos os povos da Europa e da América que, outrora bárbaros ou selvagens, tornaram-se, adorando o Judeu crucificado, os príncipes da civilização.

Todas as nações que não adoram o Judeu crucificado permanecem sepultadas nas trevas da barbárie, acorrentadas nos laços da escravidão, estacionárias nas vias da civilização. Testemunhas são os chineses, os indianos, os turcos, os árabes, os negros da África, os selvagens da Oceania.

Nenhuma nação sai das trevas da barbárie, quebra as cadeias da escravidão, marcha na via do progresso senão adorando o Judeu crucificado. Testemunhas são todas as nações que acabam de ser nomeadas, testemunha é a história universal.

Todas as nações que deixam de adorar o Judeu crucificado começam por perder seus costumes, sua paz, sua prosperidade, e acabam por recair na barbárie e na escravidão. Testemunhas são todas as antigas nações da Ásia e da África, entre as quais a ignorância disputa com a degradação; testemunhas são as nações da Europa moderna, onde tudo se torna perturbação, mal-estar, confusão de ideias e de sistemas, revoluções, despotismo e anarquia.

Um Judeu crucificado mantém-se há dezoito séculos nos altares do mundo civilizado, apesar dos ataques mais formidáveis e sem cessar renovados; mantém-se ali apesar dos estragos dos séculos, que por vinte vezes levaram os impérios e as instituições mais firmes; numa palavra, mantém-se ali apesar da inflexível lei de morte que pesa sobre todas as obras humanas.

Quais os meios de explicar esse fato implacável? Dois somente: o delírio ou o milagre. Jesus Cristo é Deus, ou o gênero humano é louco; escolhei.

Se Jesus Cristo é Deus, desde o Gênesis até o Apocalipse, desde a missa até a água benta, o cristianismo é verdadeiro e toda objeção é falsa.

Se o gênero humano é louco, provai que sois sábios.

Notas

[1] Narratio plena est cum quisque primo catechizatur ab eo quod scriptum est, In principio creavit Deus cœlum et terram, usque ad præsentia tempora Ecclesiæ. — De Catech. rud., n. 1.

[2] A Domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris. — Sl 117.

[3] Ver Bullet, Histoire de l'établissement du christianisme, p. 82.

[4] Ver o Catéchisme de Persévérance, t. V, p. 396.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:26 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:26 by Admin